



**DACEC**

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,  
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 05/10/2018 a 11/10/2018

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**  
**Jaciele Moreira<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

<sup>2</sup> Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ.

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
05/10/2018	8,69	315,60	29,08	5,21	3,68
08/10/2018	8,69	314,20	29,33	5,14	3,66
09/10/2018	8,63	313,50	28,97	5,15	3,64
10/10/2018	8,52	312,00	28,65	5,10	3,62
11/10/2018	8,58	312,80	28,73	5,08	3,69
<b>Média</b>	<b>8,62</b>	<b>313,62</b>	<b>28,95</b>	<b>5,14</b>	<b>3,66</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos  
Libra peso = 0,45359 quilo

bushel de milho = 25,40 quilos  
tonelada curta = 907,18 quilos

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado de lotes brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>	<b>Média*</b>	<b>Var. % relação valor anterior</b>
RS - Passo Fundo	86,50	-1,7
RS - Santa Rosa	85,50	-0,6
RS - Ijuí	85,50	-0,6
PR - Cascavel	85,00	-2,8
MT - Rondonópolis	76,00	-3,8
MS - Ponta Porã	81,00	-4,7
GO - Rio Verde (CIF)	82,00	-4,6
BA - Barreiras (CIF)	69,00	-1,4
<b>MILHO</b>		
Argentina (FOB)**	161,00	-0,6
Paraguai (FOB)**	130,00	-1,9
Paraguai (CIF)**	170,00	-1,4
RS - Erechim	42,50	-1,2
SC - Chapecó	40,50	-1,2
PR - Cascavel	35,50	+1,0
PR - Maringá	33,00	-2,9
MT - Rondonópolis	24,00	-12,7
MS - Dourados	28,00	-6,7
SP - Mogiana	34,00	-5,6
SP - Campinas (CIF)	36,50	-3,9
GO - Goiânia	30,00	-6,2
MG - Uberlândia	35,00	-1,4
<b>TRIGO (***)</b>		
RS - Carazinho	850,00	0,0
RS - Santa Rosa	850,00	0,0
PR - Maringá	950,00	0,0
PR - Cascavel	900,00	0,0

10/10/2018

ND = Não Disponível.

(\*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. \*\* Preço

médio em US\$/tonelada. \*\*\* Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 11/10/2018**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	37,55	80,26	41,15

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
11/10/2018**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	44,13
Feijão (saco 60 Kg)	139,72
Sorgo (saco 60 Kg)	28,92
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,06
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,26
Boi gordo (Kg vivo)*	4,67

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago pouco se alteraram nesta semana. O fechamento da quinta-feira (11), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 8,58/bushel, contra US\$ 8,59 uma semana antes.

O mercado esteve pressionado pelas expectativas quanto aos números do relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado neste dia 11/10, e pelo temor de que as chuvas ocorridas neste início de outubro, nas regiões produtoras estadunidenses, atrasem a colheita.

Quanto ao relatório, o mesmo apresentou os seguintes números:

- 1) Safra de soja estadunidense em 127,6 milhões de toneladas e estoques finais em 2018/19, nos EUA, em 24,1 milhões de toneladas. No primeiro caso uma pequena redução de 100.000 toneladas sobre o projetado em setembro e, no segundo caso, um aumento de 1,1 milhão de toneladas sobre setembro;
- 2) Manteve a produção mundial em 369,5 milhões de toneladas enquanto os estoques finais ficam em 110 milhões de toneladas. Neste último caso um aumento de dois milhões de toneladas sobre setembro;
- 3) Manteve a produção brasileira em 120,5 milhões de toneladas e a Argentina em 57 milhões;
- 4) Manteve as importações chinesas de soja, para 2018/19, em 94 milhões de toneladas;
- 5) O patamar de preços médios aos produtores estadunidenses, no atual ano comercial, foi igualmente mantido entre US\$ 7,35 e US\$ 9,85/bushel.

O mercado esperava um aumento de um milhão de toneladas na produção, e estoques finais em 23,4 milhões nos EUA. Neste ponto, o relatório pode ser considerado estável para as cotações. Quanto aos estoques finais mundiais, para o ano 2017/18, o relatório manteve estoques em 96,6 milhões de toneladas enquanto o mercado esperava um corte para 94,7 milhões de toneladas. Para o novo ano comercial, o mercado esperava 109,4 milhões de toneladas, enquanto o relatório indicou um volume superior em 800.000 toneladas.

Apesar de serem baixistas, o mercado já precificou bastante tais informações, podendo as mesmas pouco alterar as cotações para a próxima semana.

Paralelamente, o conflito comercial entre EUA e China continua, com o presidente estadunidense ameaçando taxar mais US\$ 267 bilhões de importações chinesas. Ao mesmo tempo, a China assiste a uma forte desvalorização de sua moeda, levantando suspeitas de que a mesma vem sendo causada propositalmente (desvalorização competitiva). Em relação ao pico alcançado em 2018, o yuan chinês já desvalorizou 11% até o final desta semana.

Sobre a colheita de soja nos EUA, até o dia 07/10, a mesma atingia a 32% da área, contra 36% na média histórica, acusando agora um pequeno atraso devido às chuvas da primeira semana de outubro sobre as regiões produtoras daquele país. Todavia, o ritmo ainda é considerado bom. Além disso, as condições das lavouras que ainda restam a colher, na mesma data, se mantinham com 68% entre boas a excelentes, 22% regulares e 10% entre ruins a muito ruins.

Por outro lado, as exportações estadunidenses, na semana anterior, não foram boas, com as inspeções de embarque atingindo a 570.000 toneladas enquanto o mercado esperava 700.000 toneladas. Já as exportações líquidas de soja, na semana encerrada em 27/09, atingiram a 1,52 milhão de toneladas neste ano comercial 2018/19, iniciado em 1º de setembro. Houve vendas de 96.000 toneladas para a Argentina. O volume total acabou ficando dentro do que o mercado esperava, que era um volume entre 1,2 milhão e 2,05 milhões de toneladas exportadas.

E por falar na Argentina, o vizinho país, até o dia 26/09, havia comercializado 84% de sua última safra de soja, contra 64% em igual momento do ano anterior. Lembrando que a Argentina teve uma safra muito frustrada neste último ano, com redução de 34% da mesma sobre o volume colhido no ano anterior (38 milhões de toneladas, contra 57,5 milhões).

No Brasil, os preços da soja recuaram novamente nesta semana. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 80,26/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 85,50 e R\$ 86,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 70,50/saco em Sorriso (MT) e R\$ 86,00/saco em Campos Novos (SC), passando por R\$ 85,50 no norte do Paraná, R\$ 79,00 em São Gabriel (MS), R\$ 80,00 em Goiatuba (GO), R\$ 74,00 em Uruçuí (PI) e R\$ 75,00/saco em Pedro Afonso (TO).

Pesou para isso a nova valorização do Real, após os resultados do primeiro turno das eleições presidenciais. Durante a semana, a moeda brasileira chegou a ser cotada em R\$ 3,71 por dólar. Isso significa uma valorização de quase 12% em menos de 15 dias. Posteriormente, mais para o final da semana, o Real ficou cotado a R\$ 3,78 por dólar.

Por sua vez, a China teria comprado 55,1 milhões de toneladas de soja do Brasil entre janeiro e setembro, segundo a Secex, o que representou uma alta de 15% sobre o mesmo período do ano anterior. Na sequência veio a Espanha com compras de 1,9 milhão de toneladas, praticamente repetindo o volume do ano anterior, e o Irã com 1,3 milhão de toneladas (alta de 10% sobre o ano anterior).

Já a comercialização da última safra de soja, no Brasil, até o dia 05/10, atingia a 93% do total, contra 90% na média histórica. Santa Catarina, com 85%, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul, ambos com 89% negociados cada um eram os Estados com menores vendas neste processo. Mesmo assim, os três acima de suas respectivas médias históricas que são, pela ordem, de 80%, 79% e 88%. (cf. Safras & Mercado)

Quanto às vendas antecipadas de soja relativas a safra 2018/19, até o dia 05/10 o Brasil atingia a 27% do volume projetado, contra 30% na média histórica para esta época do ano. Por Estado tais vendas assim se apresentavam: Rio Grande do Sul com 13%, contra 18% na média; Paraná com 22%, contra 22%; Mato Grosso com 38%, contra 37%; Mato Grosso do Sul com 30%, contra 30%; Goiás com 25%, contra 35%; São Paulo com 18%, contra 22%; Minas Gerais com 23%, contra 31%; Bahia com 27%, contra 36%; Santa Catarina com 18%, contra 18%; Maranhão com 36%; Piauí com 32%, Tocantins com 37%; e outros Estados produtores com 37%, contra 43% na média histórica. (cf. Safras & Mercado)

Enfim, o plantio da nova safra, até o dia 05/10, atingia a 9,5% da área esperada no país, contra 5,5% na média histórica para esta data. O Paraná continua apresentando o maior avanço, com 32% semeado, contra 19% na média histórica, seguido do Mato Grosso do Sul com 14%, contra 6% na média; Mato Grosso com 12%, contra 6% igualmente na média; São Paulo com 3%; Minas Gerais com 2% e Goiás com 1% de sua área esperada. (cf. Safras & Mercado)

## MERCADO DO MILHO

O primeiro mês cotado em Chicago fechou a quinta-feira (11) valendo US\$ 3,69/bushel, contra US\$ 3,67 uma semana antes.

Na prática, o mercado do milho trabalhou na expectativa do relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado neste dia 11/10. O mesmo indicou os seguintes números:

- 1) A produção dos EUA foi reduzida um pouco, ficando agora em 375,4 milhões de toneladas para 2018/19, enquanto os estoques finais estadunidenses ganharam um milhão de toneladas, batendo em 46,1 milhão de toneladas;
- 2) A produção mundial do cereal fica, agora, estimada em 1,068 bilhão de toneladas e os estoques finais em 159,4 milhões de toneladas. No primeiro caso, recuo de 700.000 toneladas sobre o indicado em setembro, e no segundo caso aumento de 2,3 milhões de toneladas;
- 3) As produções do Brasil e da Argentina foram mantidas respectivamente em 94,5 e 41 milhões de toneladas para este novo ano 2018/19;
- 4) As exportações do Brasil ficariam em 29 milhões de toneladas;
- 5) O patamar de preços, aos produtores de milho dos EUA, ficou mantido entre US\$ 3,00 e US\$ 4,00/bushel.

O mercado esperava que o relatório aumentasse a safra estadunidense para 377,3 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais ficariam em 49,1 milhões de toneladas. Nos dois casos, o relatório veio abaixo do esperado, caracterizando uma posição altista para as cotações em Chicago, ao menos no curto prazo, porém, assim como no caso da soja, vale alertar que o mercado já havia precificado boa parte destas informações.

Ao mesmo tempo, o mercado precificou a possibilidade de atrasos na colheita do cereal nos EUA devido às chuvas do início de outubro naquele país. Somou-se a isso o bom desempenho das exportações, com as vendas líquidas de milho por parte dos EUA atingindo a 1,43 milhão de toneladas no ano comercial 2018/19, iniciado em 1º de setembro, na semana encerrada em 27/09. O maior importador foi o México com 527.400 toneladas. O mercado esperava um total entre 1,1 milhão e 1,9 milhão de toneladas exportadas.

Quanto a colheita, até o dia 07/10 a mesma chegava a 34% da área, contra 26% na média histórica para esta data. Ou seja, ainda apresentava um avanço confortável, mesmo com as recentes chuvas. Até a data indicada, 68% das lavouras a colher apresentavam boas a excelentes condições, contra 20% regulares e 12% entre ruins a muito ruins.

Na Argentina e no Paraguai, a semana fechou com a tonelada FOB de milho valendo US\$ 161,00 e US\$ 130,00, respectivamente.

Já no Brasil, os preços do milho também recuaram, sendo que o balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 37,55/saco, enquanto os lotes registraram R\$ 41,50 a R\$ 42,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 20,00/saco em Sorriso (MT) e R\$ 41,00/saco em Videira (SC).

Já o mercado físico paulista enfrenta uma pressão baixista, pois os consumidores estão pouco ativos nestes últimos tempos. Com isso, a região da Sorocabana cedeu para R\$ 35,00/saco, enquanto o referencial Campinas ficou em R\$ 39,00/saco CIF.

Na B3 (antiga Bovespa/BM&F) houve continuidade no movimento de recuo das cotações futuras do milho. Especialmente agora em que o Real voltou a se revalorizar fortemente, tirando competitividade das exportações do cereal. Tanto é verdade que no porto de Santos os preços ficaram ao redor de R\$ 36,00/saco. No final da semana a B3 assistiu a continuidade da queda nos preços dos principais contratos, forçada pela revalorização do Real, fato que causa recuo nos preços nos portos. Até o final das eleições, a volatilidade será grande no mercado devido ao câmbio. Além disso, os preços recuaram bastante no mercado paulista, com o referencial Campinas chegando a R\$ 37,50/saco no CIF, com aumento na fixação de vendas no interior daquele Estado.

Assim, o câmbio continuará sob influência das eleições brasileiras, até se definir o quadro no final de outubro. Este fato, por enquanto, está valorizando a moeda nacional, reduzindo os prêmios do milho, fato que aproxima os valores locais aos praticados no Golfo do México e na Argentina. Com isso, o mercado interno se torna mais atrativo para a comercialização do cereal, fato que leva a uma oferta maior de produto, forçando uma baixa de preços internos.

Neste contexto, as exportações brasileiras de milho, nos primeiros cinco dias úteis de outubro, somaram 1,04 milhão de toneladas a um preço médio de US\$ 176,50. Ao câmbio de hoje, isso equivale a R\$ 39,29/saco.

Por sua vez, a área de milho de verão, no Brasil, em 2018/19, deverá atingir a 4,11 milhões de hectares, contra 4,18 milhões no ano anterior. A produção final, em clima normal, é esperada em 24,7 milhões de toneladas, contra 24,5 milhões no ano anterior. Já para a safrinha a área projetada chega a 11,3 milhões de hectares, contra 10,5 milhões no ano anterior, fato que equivale a um aumento de 7,6%. A produção final da safrinha 2018/19, em clima normal, está projetada em 62,7 milhões de toneladas, contra 42,6 milhões neste último ano. Isso representa um incremento de 47,2%. No Norte e Nordeste brasileiro, somados, a área semeada com milho deverá permanecer sem grandes alterações, ficando ao redor de 1,5 milhão de hectares. Isso resultaria em uma produção de 6,7 milhões de toneladas neste novo ano, contra 6,8 milhões alcançados no ano anterior. Diante disso, no total brasileiro, a área semeada com o cereal (somando as duas safras) chega a 16,9 milhões de hectares, contra 16,2 milhões no ano anterior e 18,5 milhões de hectares em 2016/17. Quanto à produção final, a mesma, em clima normal, deverá chegar a 94,2 milhões de toneladas, após 80,0 milhões neste último ano e 107,9 milhões de toneladas em 2016/17. Se tais

números forem confirmados, a pressão de baixa sobre os preços do milho nacional será importante em 2019. O Rio Grande do Sul deverá semear nesta nova safra 1,15 milhão de hectares, contra 1,14 milhão no ano anterior, devendo colher 6,6 milhões de toneladas, contra 6,1 milhões no ano anterior. (cf. Safras & Mercado) Este número difere muito do estimado pela Emater-RS, que apresenta uma colheita gaúcha de apenas 4,6 milhões de toneladas em 2017/18. Para o corrente ano de 2018/19 a Emater indica uma produção gaúcha de milho ao redor de 5,0 milhões de toneladas.

Enfim, até o dia 05/10 o plantio nacional da nova safra de verão chegava a 36% da área esperada, contra 37,6% no ano anterior nesta mesma época. O Estado mais avançado é o Rio Grande do Sul, com 66%, seguido do Paraná com 49%, Santa Catarina com 44% e São Paulo com 28% já semeado. (cf. Safras & Mercado)

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago encerraram a semana em baixa. O primeiro mês cotado ficou em US\$ 5,08/bushel, contra US\$ 5,18 uma semana antes.

O mercado esteve apoiado às boas exportações de trigo por parte dos EUA, embora isso não tenha sido suficiente para evitar um leve recuo das cotações durante a semana. As vendas líquidas estadunidenses somaram 435.300 toneladas para o ano comercial 2018/19, iniciado em 1º de junho. Este volume acabou ficando 8% abaixo da média das quatro semanas anteriores. Já as inspeções de exportação chegaram a 423.270 toneladas na semana encerrada em 04/10, superando o volume registrado na semana anterior.

Somou-se a isso a informação de que a Rússia poderia cancelar as exportações de trigo em dois portos do país e inquietudes diante das perdas de produção na Austrália, devido a seca que atinge este país da Oceania. Isto deu algum suporte igualmente às cotações no início da semana.

Posteriormente, houve pressão de baixa nos preços devido a ajustes técnicos na Bolsa em Chicago, ajudados pelo recuo nos preços internacionais do petróleo e a revalorização do dólar nos EUA.

Enfim, o relatório do dia 11/10 contou bastante para o mercado se estabilizar nos valores indicados para esta semana. O mesmo apontou os seguintes números para o trigo:

- 1) Manteve a produção dos EUA neste ano 2018/19, indicando um volume de 51,3 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais estadunidenses passaram a 26 milhões de toneladas, com um ganho de 600.000 toneladas sobre setembro (o mercado esperava estoques finais em 27,9 milhões de toneladas);
- 2) A produção mundial de trigo foi reduzida para 730,9 milhões de toneladas (um recuo de 2,1 milhões de toneladas sobre setembro), enquanto os estoques finais mundiais ficaram em 260,2 milhões de toneladas, contra 261,3 milhões indicados em setembro (o mercado esperava estoques finais mundiais em 261,1 milhões de toneladas);

- 3) A produção do Brasil foi mantida em 4,7 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina ficou em 19,5 milhões;
- 4) As importações brasileiras de trigo, segundo o USDA, serão de 7,5 milhões de toneladas em 2018/19;
- 5) A produção da Austrália foi novamente reduzida, agora ficando em 18,5 milhões de toneladas, enquanto a da Rússia passou de 71 milhões para 70 milhões de toneladas;
- 6) O patamar de preços aos tricultores dos EUA ficou estabelecido entre US\$ 4,80 e US\$ 5,40/bushel para o ano 2018/19.

No Mercosul, a tonelada FOB para exportação ficou cotada entre US\$ 210,00 e US\$ 215,00 na compra. Para a safra nova o valor ficou em US\$ 210,00, igualmente na compra.

Ainda em termos de Mercosul, analistas privados esperam uma colheita de 20 milhões de toneladas na Argentina, para este ano 2018/19, com exportações de 12,5 milhões. Para o Uruguai a produção esperada é de 630.000 toneladas, com exportações de 150.000 toneladas. Enfim, o Paraguai deverá produzir 750.000 toneladas e exportar 400.000 no corrente ano comercial. No total do bloco, incluindo o Brasil, a produção somaria 27,1 milhões de toneladas, contra 23,2 milhões no ano anterior, representando um aumento de 16,8% sobre o ano anterior. As exportações dos três países exportadores (Argentina, Uruguai e Paraguai) somariam, neste ano, um total de 13,05 milhões de toneladas, com aumento de 13,5% sobre o ano anterior. Já as importações brasileiras ficariam ao redor de 6,45 milhões, contra 6,5 milhões de toneladas no ano anterior. (cf. Safras & Mercado) Diante de tais números, se confirmados até o final da safra, os preços do trigo no Brasil sofrerão pressão intensa de baixa, especialmente se o câmbio continuar a ceder em direção ao seu nível adequado de R\$ 3,70 por dólar.

Já no Brasil, os preços do trigo recuaram, com o balcão gaúcho fechando a semana na média de R\$ 41,15/saco, perdendo praticamente um real por saco em relação a semana anterior. Já os lotes se mantiveram em R\$ 51,00/saco na referência. No Paraná, o balcão ficou entre R\$ 43,00 e R\$ 47,00/saco, enquanto os lotes registraram R\$ 54,00 a R\$ 57,00/saco. Em Santa Catarina, o balcão esteve entre R\$ 42,00 e R\$ 43,00/saco, enquanto na região de Campos Novos os lotes ficaram em R\$ 52,50/saco.

Neste momento, analistas privados brasileiros esperam uma produção final do cereal em 5,7 milhões de toneladas, com importações em 6,45 milhões de toneladas e consumo industrial de 10,45 milhões de toneladas para o ano comercial 2018/19. (cf. Safras & Mercado) Todavia, em função do clima, o volume esperado parece estar bastante comprometido na atualidade.

De fato, após indicações de perdas ao redor de 35% do total no Paraná, no Rio Grande do Sul novas chuvas, acompanhadas de forte calor, atingiram o Estado nesta semana, após os temporais com granizo da semana anterior. Além disso, não se pode esquecer dos efeitos das geadas de final de agosto. Assim, há perdas na safra gaúcha, as quais precisam ser quantificadas ainda, sem falar na queda da qualidade do produto a ser colhido.

Em termos de colheita, o Rio Grande do Sul apresenta um volume sem expressão até este momento, enquanto o Paraná já atinge a 62% de sua área. Diante de um quadro

de quebra, mais uma vez, de safra, e de preços elevados na importação devido ao câmbio, os moinhos gaúchos teriam se antecipado e comprado volumes de trigo do Paraná. Este fato os permite aguardar até a colheita gaúcha, sem pressionar o mercado.

Enfim, vale destacar que o restante das áreas a serem colhidas no Paraná apresentam condições melhores das lavouras, com apenas 15% abaixo do ideal, 22% regulares e 63% em bom estado. Tais lavouras sofreram menos com as intempéries que atingiram aquele Estado.